

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM ESCOLAS FRONTEIRIÇAS: DIÁLOGOS SOBRE FRICÇÕES CULTURAIS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Educación Intercultural en Escuelas Fronterizas: Diálogos sobre Fricciones Culturales en la Frontera Brasil-Bolivia

Carlo Henrique GOLIN*
Luis Otavio Teles ASSUMPTÃO**

Resumo: O trabalho apresenta algumas impressões sobre diferentes situações observadas num contexto escolar de fronteira (Brasil-Bolívia), vivenciado em Corumbá/MS. Neste sentido, articulou-se uma discussão sobre as diferenças identitárias em uma escola pública fronteiriça e a educação intercultural, principalmente dialogando sobre a presença da diversidade cultural nessa região de fronteira. O presente trabalho tem característica de um estudo observacional descritivo, com base metodológica nos estudos de fronteira e nos procedimentos etnográficos. Os resultados demonstram certas especificidades, dificuldades e potencialidades nos diferentes contextos da escola pesquisada, especialmente quanto à superação de conflitos identitários entre os alunos devido à diversidade cultural local.

Palavras-chave: Identidade, Interculturalidade, Fronteira.

Resumen: El trabajo presenta algunas impresiones sobre diferentes situaciones observadas en un contexto escolar de frontera (Brasil-Bolivia), vivenciado en Corumbá/MS. En este sentido, se articuló una discusión sobre las diferencias

Introdução

O presente trabalho de pesquisa¹ foi desenvolvido em Corumbá, cidade brasileira pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul (MS), município fronteiriço com a Bolívia. Em função desta situação de fronteira, procurou-se analisar diferentes interações, particularidades e nuances socioculturais que se fazem presentes neste local.

As diversidades próprias deste contexto, oriundas da proximidade e contatos entre países contíguos (no caso, Brasil-Bolívia), influenciam consideravelmente a dinâmica regional, afetando sobremaneira algumas questões, em particular os movimentos pendulares² da população da região, os quais acabam provocando efeitos

* Graduado em Educação Física; Mestre e Doutor em Educação Física; docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/CPAN; e-mail: carlohenriquegolin@hotmail.com

** Graduado em Sociologia; Mestre e Doutor em Sociologia; docente da Universidade Católica de Brasília - UCB; e-mail: luiso@ucb.br

¹ A construção deste trabalho se baseia e utiliza parte das informações coletadas na Tese de Golin (2017).

² Termo usado para designar, por exemplo, os sujeitos que moram de um lado da fronteira (Bolívia) e

identitárias em uma escola pública fronteiriza e a educação intercultural, principalmente dialogando sobre a presença de la diversidade cultural em esa região de frontera. El presente trabajo tiene características de un estudio observacional descriptivo, con base metodológica en los estudios de frontera y en los procedimientos etnográficos. Los resultados demuestran ciertas especificidades, dificultades y potencialidades en los diferentes contextos de la escuela investigada, especialmente en cuanto a la superación de conflictos identitarios entre los estudiantes debido a la diversidad cultural local.

Palabras clave: Identidad, Interculturalidad, Frontera.



nas demandas e dinâmicas educativas do município.

Este trabalho apresenta e tenta analisar em que medida estas situações de contato e interação social e intercultural permeiam as ações pedagógicas dos professores e a identidade dos alunos, especialmente levando em consideração o contexto de escola pública localizada em território fronteiriço.

Estas análises tomaram por base as primeiras impressões divulgadas por Golin (2017), especialmente quando observou algumas questões presentes no cotidiano escolar, relatando e analisando situações de aproximação e conflito interétnico entre alunos. Também foram objeto de discussões alguns aspectos da infraestrutura e utilização da biblioteca, ambos oriundos da “Escola Municipal Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) - Padre Ernesto Sassida”, em Corumbá/MS.

Vale ressaltar que foi selecionada, como amostra do estudo, uma escola, dentre as unidades de Corumbá, com maior fluxo de discentes bolivianos³ – dados de 2015, provenientes do Pro-

estudam do outro lado (Brasil), fazendo um movimento diário de transição pendular para interação na região.

³ É comum que os alunos das escolas brasileiras desta fronteira morem no país vizinho (Bolívia), já que, embora sejam brasileiros, têm pais bolivianos. Esses discentes não precisam do documento de estrangeiro, já que são legalmente brasileiros. Isto não exclui os alunos oficialmente ‘estrangeiros’ nas escolas, com identidade oficial boliviana (minoría), particularmente quando fazem a carteira nacional de estrangeiro. Porém, é comum na região a existência (maioría) de alunos nascidos no Brasil, portanto brasileiros, que são filhos ou parentes próximos de bolivianos (como avô ou avó) e naturalmente acabam tendo algum vínculo com a Bolívia. Assim, observamos ser natural que esses alunos, mesmo sendo oficialmente brasileiros, sejam considerados como ‘bolivianos’ no contexto escolar (pela direção, pela coordenação, por professores e alunos). Desta forma, quando estivermos falando de alunos ‘bolivianos’, utilizando aspas, compreende-se esse universo complexo.

grama G-SEA (Sistema de Gestão em Saúde, Educação e Assistência Social) da Prefeitura Municipal de Corumbá/MS. Naturalmente, esta situação implica em diferentes etnias em contato, com distintas identidades, particularmente referente à nacionalidade, o que influencia e interfere nos processos de aproximação e distanciamento entre os alunos deste contexto escolar.

Portanto, no trabalho serão destacadas algumas situações relacionadas às diferenças identitárias na escola pesquisada e sua relação com a temática da educação intercultural, inserida, de modo especial, no debate da diversidade cultural presente em regiões fronteiriças.

Identidade e educação intercultural

Apresentaremos alguns conceitos sobre as relações entre interculturalidade e identidade no contexto de fronteira, as quais influenciam as práticas educativas nas escolas ali situadas. Com efeito, é muito expressiva a heterogeneidade cultural em regiões com interação fronteiriça internacional, gerando peculiaridades nas múltiplas identidades locais, as quais se mostram bastante fluidas, guardando certa analogia com os estudos de Bauman (2005). Nestes espaços, percebe-se que as identidades adquirem novos contornos e configurações, tornando-se ainda mais complexas devido à lógica multifacetada e interdependente destas regiões.

Para melhor interpretar estas identidades, Nascimento (2012) resgata o conceito de “aculturação”, isto é, um processo pelo qual duas ou mais culturas entram em contato através da imigração, da absorção cultural, das relações sociais fronteiriças, dos processos educacionais, etc, levando constantemente a reconfigurações, rearranjos e ressignificações sociais, culturais e simbólicas.

Oliveira (1976, p. 103) traz outro importante elemento para a discussão – a ideia de “assimilação”, a qual pode ser entendida como um “processo pelo qual o grupo étnico se incorpora noutra perdendo sua peculiaridade cultural e sua identificação étnica anterior”.

Giddens (2008, p. 258) também refletiu sobre esta ideia. Para ele, assimilação significa que

[...] os imigrantes abandonam os seus usos e costumes, passando a pautar o seu comportamento pelos valores e normas da maioria. Uma abordagem deste tipo exige que os imigrantes mudem a sua linguagem, forma de vestir, estilo de vida e a sua cultura como parte da integração na nova ordem social.

Associado a esta noção, é possível resgatar a imagem de “*melting pot*”, sugerida por Giddens (2008, p. 258), a qual favorece a discussão e melhor compreensão de

sociedades fronteiriças. Com efeito, ao contrário de “se dissolverem as tradições dos imigrantes a favor das dominantes no seio da população pré-existente, misturam-se todas para formar novos padrões culturais”. Observa-se que, em regiões de fronteira com interação internacional, este processo tende a se intensificar e a se tornar mais complexo e multifacetado.

Importante contribuição para este debate tem origem na reflexão do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976), sobretudo ao propor a noção de “fricção interétnica” nas situações de contato social. O autor mostra que, apesar das trocas e das mudanças culturais, de alguma forma as diferentes identidades ainda persistem, de forma mais ou menos ressignificadas. Na verdade, as identidades se modificam e se reestruturam a todo tempo, adquirindo caracteres híbridos. O antropólogo argumenta que, em situações de elevada complexidade e contato cultural, verifica-se que os elementos socioculturais não se perdem ou se alteram completamente; de outra forma, eles tendem a se transformarem, se rearranjarem e adquirir novas significações.

Acrescenta Cunha (1986, p. 99) que a “cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função essencial e que se acresce às outras”.

De forma análoga Bauman (2005, p. 17) analisa situações de pertencimento e identidade, afirmando que ambos não teriam a solidez da rocha, não estão “garantidos para a eternidade”, sendo “bastante negociáveis e revogáveis, e as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age [...] são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”.

Nesta mesma linha, Carrano (2008, p. 198-199) aponta que

as mais recentes formulações sobre o conceito de identidade se afastam da ideia de consolidação de um ‘eu’ estável que determinaria em definitivo a personalidade e o campo cultural dos indivíduos, tal como foi formulado na Modernidade. Hoje, individualizar-se significa muito mais se redefinir continuamente. O verdadeiro obstáculo não estaria mais na capacidade ou não de mudança, mas em como assegurar a unidade e a continuidade da história individual num mundo de complexidades e alternâncias existenciais. [...] Assim, a identidade se configuraria como um sistema dinâmico, definido entre possibilidades e limites, que gera um campo simbólico no qual o sujeito pode conquistar a capacidade de intervir sobre si e reestruturar-se.

Por isso se afirma que a identidade étnica é adquirida e construída socialmente, incorporando diferentes transmissões da família e da comunidade, no tocante às tradições e aos costumes, não sendo nunca rígida e imutável, mas sempre com características fluidas e (re)adaptáveis (GIDDENS, 2008). Inclusive, em regiões fronteiriças esses processos tendem a se intensificar.

Vieira (2007) alimenta o debate mostrando que, a depender da atitude do sujeito frente aos desafios entre grupos de culturas diferentes, sobretudo quanto à negação da cultura de partida (origem), caracteriza-o (nomeia) como “oblato” ou “trânsfuga intercultural”. Para o autor, o sujeito “oblato”

[...] reeduca-se, assimila e assume os valores inerentes a esta nova cultura, ou seja, apodera-se deles e absorve-os de tal forma que faz transparecer àqueles com quem se relaciona a ideia de que nunca conheceu outra forma de ver e estar no mundo, relegando para um canto esquecido do seu íntimo a sua cultura de origem [...]. (ibidem, p. 6).

Vieira (2007) aponta que por vezes esse sujeito “maquia” ou “metamorfoseia” sua identidade para “esconder” a cultura de origem. Já ao explicar o sujeito com característica de “trânsfuga intercultural”, o autor afirma que:

[...] apesar de aceitar e receber a nova cultura, não rejeita a sua cultura de origem, mas, pelo contrário, constrói pontes atitudinais e contextualizadoras entre as esferas culturais que atravessou ou incorpora no seu universo pessoal a aquisição cultural que dá uma nova dimensão à cultura de origem, mas que não a aniquila nem a substitui. (ibidem, p. 7).

Essas transformações culturais, independentemente de serem caracterizadas como “oblato” ou “trânsfuga”, na verdade carregam um hibridismo, uma espécie de “mestiçagem cultural”.

Neste sentido, são multiculturais no processo de construção. Mas, enquanto o trânsfuga intercultural mostra a sua hibridez (partindo da margem esquerda para atingir a direita, quando atinge esta última sabe que já habitou a primeira e não o esconde), o oblato esconde-a; ou seja, na realidade é também um ‘terceiro instruído’, mas não o mostra ser. Assume-se, em termos de atitude, como monocultural. Ao nível do explícito, manifesta só a chegada – a segunda cultura, num dado momento. (ibidem, p. 7).

Esta é uma discussão importante para aquele que se interessa por processos educativos, em particular nos casos de educação intercultural. Com efeito, nas escolas estamos sempre em contato com diversas culturas, etnias, classes, gêneros e, no caso de regiões de fronteira, nacionalidades, requerendo uma pedagogia que conduza para diálogos e partilhas entre os envolvidos no processo de formação escolar (VIEIRA, 1999). O debate sobre a identidade é fundamental nestes universos fronteiriços, pois apresentará os perigos e limites de posturas e atitudes etnocêntricas, onde um determinado grupo nega e/ou discrimina a existência do(s) outro(s) ser(es) humano(s).

Vale também considerar as informações de Lima (2002), quando afirma que no cotidiano da cidade de Corumbá, estes imigrantes, muitas vezes, acabam sofrendo um duplo preconceito – ao mesmo tempo discriminados como “bolivianos” e “indígenas”.

Portanto no processo educativo é preciso estar atento às redes de relações sociais quando se pensa a educação intercultural, especialmente o conhecimento

sobre o outro, o “diferente”, aquele que não pertence ao grupo hegemônico. Todo processo pedagógico, em especial em região com intercâmbios internacionais, precisa resgatar a discussão sobre o “estranho”, para não cair no problema educacional de negação das diversas culturas presentes na escola.

Por exemplo, no âmbito da disciplina Educação Física, com certa frequência se nota uma carência em pensar a escola como um espaço de discussão e promoção da equidade na diversidade sociocultural. Desta forma, deve-se repensar a educação formal quanto à diversidade cultural, dando a devida atenção aos processos (in) diretos de discriminações sobre o corpo etnicamente diferente – no caso deste estudo, observando a complexidade na região de Corumbá/MS, espaço fronteiriço que constantemente interage com a população boliviana.

Materiais e métodos

O presente trabalho toma por base informações coletado na pesquisa desenvolvida por Golin (2017), especialmente observando o cotidiano da Escola Municipal Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC) – “Padre Ernesto Sassida”, de ensino fundamental. Assim, foram analisados relatos de situações de aproximação/conflito interétnico entre alunos, bem como aspectos sobre a infraestrutura e a utilização da biblioteca.

A escolha deste CAIC⁴ como local de pesquisa ocorreu por se tratar de uma unidade escolar urbana bastante próxima da fronteira Brasil-Bolívia e que, nesta região, possui o maior fluxo de alunos matriculados e residentes nas cidades bolivianas fronteiriças.

Esse complexo escolar (doravante denominado “CAIC”) se localiza na margem direita da rodovia Ramon Gomez (km 01), na cidade de Corumbá/MS, no bairro Dom Bosco, situado próximo à Câmara Legislativa e à Prefeitura Municipal. Parafraçando Costa (2012), situa-se em uma “franja fronteiriça”, em uma distância aproximada de 4,5 km da linha de fronteira, a qual, no território boliviano, está próxima às cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, ambas pertencentes à província de Germán Busch, do departamento de Santa Cruz (JAIME, 2010).

⁴ Os Centros Integrados de Atendimento à Criança (CIAC) têm uma estrutura física comum (modelos padrão) e foram instituídos em 1991, pelo governo Collor, como parte do Projeto Minha Gente, inspirados no modelo dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), do Rio de Janeiro, implantados na gestão de Leonel Brizola. O objetivo era prover a atenção à criança e ao adolescente, envolvendo a educação fundamental em tempo integral, programas de assistência à saúde, lazer e iniciação ao trabalho, entre outros. A partir de 1992 passaram a se chamar Centros de Atenção Integral à Criança (CAIC). Informações disponíveis em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=82>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Esclarecemos que na época da pesquisa (2015) o CAIC possuía um corpo discente de 438 alunos frequentando as aulas, dos quais 63% eram brasileiros e 37% ‘bolivianos’⁵ (GOLIN, 2017).

A pesquisa teve base teórica-metodológica nos estudos e discussões sobre o tema “fronteira”, alicerçado em dados quantitativos e em procedimentos etnográficos. Informamos que em termos protocolares, a pesquisa foi executada seguindo os pareceres aprovados pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP), órgão responsável pela coordenação, pelo planejamento e pela avaliação das atividades de pesquisa e pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob o nº. CI 2288/2013, datada de 8 de agosto de 2013⁶.

Resultados e discussões

Este trabalho destacou algumas informações observadas e coletadas durante o cotidiano do CAIC (GOLIN, 2017). Deste modo, diante das características e limitações textuais do presente trabalho, optou-se em descrever as primeiras aproximações e impressões sobre o contexto da pesquisa, articulando, de maneira especial, o tema educação intercultural e a relação com a diversidade identitária devido a região de fronteira estudada.

Um primeiro ponto se deu no tocante às questões legais sobre a presença de alunos oriundos e/ou com algum tipo de relação com o país vizinho (Bolívia). Com efeito, a escola os recebeu, os reconheceu e os matriculou, cumprindo suas atribuições jurídico-institucionais.

Também destacamos a utilização diversificada e ‘híbrida’ dos idiomas falados naquela escola de fronteira. Ao participarem de aulas e atividades práticas de Educação Física, e interagindo com os demais colegas, muitos diálogos eram estabelecidos em espanhol, fato repetido nos intervalos de aula (recreio). Por vezes percebia-se certo desconforto e alguma dificuldade de compreensão mútua, o que gerava alguns processos de discriminações e/ou chacotas.

Em relação ao transporte alguns problemas também se evidenciaram. Diariamente, muitos alunos realizam o movimento pendular, da Bolívia à escola

⁵ Optou-se no referido estudo, enquanto tratamentos dos dados (categoria) dos sujeitos, em utilizar somente as seguintes nomenclaturas: alunos/discentes brasileiros e ‘bolivianos’, sendo que para este último grupo agregaram-se os sujeitos bolivianos oficialmente estrangeiros e alunos brasileiros residentes na Bolívia que fazem o movimento pendular para estudar no Brasil. Por isso a utilização das aspas quando expressamos no texto alunos/discentes ‘bolivianos’.

⁶ Informações vinculadas ao trabalho de Golin (2017), projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMS, sob o parecer nº 575.831, datado de 31 de março de 2014, CAAE 24940513.1.0000.0021.

brasileira e vice-versa em diferentes veículos, até porque não existe transporte coletivo público disponibilizado para eles, o que em muito facilitaria a mobilidade; percebeu-se que é sempre necessária a ajuda mútua entre familiares.

Outro tema investigado foi a percepção dos docentes em relação à maior ou menor integração dos alunos bolivianos na escola. Surpreendentemente, uma considerável parte deles sustentou haver uma boa integração entre o corpo discente, relatando existir satisfatória harmonia entre eles.

No entanto, as análises revelaram discrepâncias em relação a estas falas docentes. Dentre inúmeras, destacamos uma situação significativa. Em certo momento, quando o pesquisador se encontrava presente na quadra da escola, uma senhora boliviana – mãe de dois alunos, moradores de Puerto Suárez, estava conversando sobre a situação de seus filhos (de sete e 10 anos de idade) nas aulas⁷. Discorreu longamente sobre um deles, estudante do 4º ano, relatando algumas dificuldades – apesar de relativo entendimento, não conseguia se expressar em português, nem com amigos nem com professores; pouco entendia sobre os jogos propostos pelos professores de Educação Física; pouco interagia com colegas.

Incomodada, a mãe reclamou dos xingamentos dos colegas a seu filho mais velho, o qual, ao reagir agressivamente acabou sendo punido – não participaria da aula de Educação Física e nem sairia para o recreio. Questionados, os colegas o culpavam. Destaca-se que os diálogos, misturavam português,portunhol⁸ e espanhol.

O pesquisador então interveio, estimulando uma interessante discussão. Questionou-os sobre as razões do conflito, afinal: *“Vocês não eram todos amigos de classe”?* Um deles respondeu não ser amigo dele. Ao ser indagado, o principal sujeito do conflito sintetizou o problema intercultural, tão recorrente: *“Não gosto de bolivianos”*.

O mais impressionante foram os detalhes desse aluno ao dizer não gostar do outro por ser boliviano, tais como: dialogava em espanhol com a mãe para explicar porque brigou com seu filho; segundo relato dos demais, a sua avó também era boliviana, ou seja, apesar de acusar o colega de ser boliviano, também tinha origem boliviana; há pouco tempo morava na Bolívia; considerou que os demais eram amigos, contudo, todos esses meninos apontados por ele, nasceram no Brasil, só que são filhos de pais bolivianos e ainda moram na Bolívia, sendo que alguns, ao serem perguntados, se consideram ‘bolivianos’.

⁷ Na época a mãe dos alunos praticamente acompanha diariamente seus filhos na escola, tanto na entrada quanto na saída escolar, bem como ficando no entorno da escola.

⁸ É uma palavra-valise que designa a interlíngua, surge diante da mistura de palavras da língua portuguesa e do espanhol. Ocorre, sobretudo, em cidades de fronteira entre países de língua portuguesa e espanhola.

Noutra ocasião, de observação do contexto escolar, o pesquisador se aproxima de dois alunos, que estavam no conflito anterior, e que brincavam de bolita⁹, sendo ambos nascidos no Brasil, mas com familiares bolivianos e que moram na Bolívia. Nessa oportunidade foi perguntado se, normalmente, acontecia desentendimentos, ofensas, chacotas com os meninos ‘bolivianos’, especialmente por se expressarem apenas em espanhol. Um dos alunos questionados disse que muitas vezes ao estar no Brasil era denominado, pejorativamente, como “*bolivianinho*”. Segundo o mesmo aluno, na Bolívia lhe apelidaram de “*brasileirinho*”, sempre no sentido depreciativo. Portanto, este relato demonstra algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos “fronteiriços”, especialmente no tocante aos conflitos relacionados à identidade.

Embora preliminar, os casos relatados demonstram elementos típicos de etnocentrismo, inclusive assumindo identidades com características “oblatas”, como apontado por Vieira (2007). Nitidamente algumas situações expressam uma postura de pretensa superioridade cultural, especialmente ao comparar a condição étnica, assumindo atitude monocultural, com claras dificuldades em se colocar no lugar do outro.

Por outro lado, verificou-se que o intervalo (recreio) é um espaço de múltiplas culturas em contato. Observou-se a existência de interação em alguns momentos entre alunos brasileiros e ‘bolivianos’, com maior incidência no período vespertino, característica que pode ser relativizada por serem alunos de menor idade (Ensino Fundamental I). Apesar de que também existem separações, nas quais grupos de alunos ficam mais próximos nos seus subgrupos (brasileiros - ‘bolivianos’), correndo e brincando juntos.

Notou-se também que no período vespertino da escola o jogo de bolita é muito popular entre os alunos daquela unidade, com maior incidência entre os sujeitos ‘bolivianos’, porém existe interação entre alunos brasileiros e ‘bolivianos’. Outro fato é que existe maior predominância do sexo masculino no jogo, não obstante, foi também observado um pequeno grupo de meninas ‘bolivianas’ se arriscando, eventualmente, a jogar bolita.

Sobre a biblioteca: o CAIC possui uma. Nos registros internos, consta ter sido fundada em 1997 com o nome Biblioteca “Profa. Ruth Mariano Esnarriaga”, em homenagem à primeira diretora da unidade. Funcionou ininterruptamente até o final de 2012, ficando inativa entre os anos de 2013 e 2014, e reativada em 2015.

Em 2016 constavam em seus registros um acervo superior a 10 mil títulos, incluindo as anotações iniciais de 1997. Existiam, particularmente no acervo do

⁹ Semelhante à “bola de gude”, ou “burca”, na região o jogo é baseado em regras da cultura boliviana, confirmado pela pesquisa de Loro (2013, p. 51): “[...] as crianças ‘jogam bolita’ na escola utilizando as regras e a maneira de jogar da Bolívia”.

espaço disponível à comunidade, materiais diversos¹⁰ (livros, revistas científicas...) que tratam também dos temas relacionados à fronteira Brasil-Bolívia e educação intercultural. Em sala anexa, chamada de sala de estudos, estão reservados os livros didáticos, organizados por disciplinas do currículo escolar. Entretanto, este material está reservado para consulta somente da coordenação e professores, oriundos na sua maioria do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Por exemplo, no tocante aos materiais específicos da Educação Física, a biblioteca reserva parte para a consulta pública, compreendendo revistas de diferentes editoras (Sprint, Confef...), correspondente a 23 exemplares no total. Trata-se de edições antigas, relacionadas com os temas “saúde e esporte”.

Já os livros disponíveis na sala de estudos são materiais atualizados, sobretudo tratando de fundamentação teórica e sugestões de atividades práticas. Foram observados oito títulos clássicos e contemporâneos que podem contribuir para os aspectos conceitual e procedimental da área¹¹. Também foram encontradas três coleções direcionadas à Educação Infantil, as mesmas versam sobre o tema esporte, contendo pequenas histórias e ilustrações, com a intenção de familiarizar e promover a prática esportiva entre crianças.

Contudo, diferentemente de outras disciplinas, não foram encontrados livros de caráter didático específicos da área Educação Física, nem mesmo materiais norteadores da área que articule o tema interculturalidade. Tal constatação é preocupante, pois dificulta sobremaneira aos docentes trabalharem e melhor desenvolverem o assunto. Porém, mesmo com essa lacuna, existem materiais relevantes de suporte pedagógico na unidade escolar investigada, o que não justificaria a baixa procura de professores da escola por informações na biblioteca. Trata-se, pois, de uma espécie de distanciamento deste espaço, o que sugere maiores pesquisas sobre essa problemática nas escolas da região.

Portanto, apesar de existirem importantes materiais conceituais e metodológicos sobre a Educação Física disponíveis na biblioteca, os registros indicam a pouca utilização pelos docentes na preparação, apoio e execução das aulas, especificamente quanto ao empréstimo e uso dos materiais disponíveis na biblioteca.

¹⁰ Um exemplo é o trabalho de Lima (2002).

¹¹ Os títulos encontrados foram: *A Educação Física e o esporte na escola*; *Metodologia do ensino de Educação Física*; *Educação como prática corporal*; *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*; *Construindo conceito: contribuições para a sistematização do conteúdo conceitual em Educação Física*; *Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar e partilhar*; *Práticas pedagógicas em Educação Física: espaço, tempo e corporeidade*; *A hora da escola: vol VI - jogos para Educação Física*; *Prática de ensino em Educação Física: a criança em movimento*.

Considerações finais

Este trabalho se insere na discussão sobre educação e interculturalidade, em particular, debatendo elementos de uma região de fronteira internacional entre o Brasil e a Bolívia. Assim, dentro dos limites textuais procuramos analisar alguns problemas de relacionamentos, transtornos e conflitos oriundos do próprio contexto fronteiriço, indicando que diferentes situações no ambiente escolar podem acarretar grandes dificuldades de aproximação e/ou respeito entre os alunos culturalmente distintos, como no caso os discentes brasileiros e bolivianos.

É notório que muitos alunos bolivianos enfrentam uma série de dificuldades, limites, restrições, constrangimentos em desenvolverem atividades pedagógico-educativas no âmbito de uma escola pública na cidade de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul, situada em faixa de fronteira.

Verificamos também expressiva contradição quanto aos materiais disponíveis na biblioteca e a sua utilização, especialmente quando foram analisadas as diferentes demandas da área de Educação Física.

Por fim, sabe-se que regiões de fronteira implicam em uma série de especificidades sociais, culturais, simbólicas, o que, naturalmente, se faz também presente nas atividades educacionais e pedagógicas. Este estudo buscou analisar, mesmo que preliminarmente, algumas destas questões muito presentes na região.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 187-207.
- COSTA, Edgar Aparecido da. Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 4, p. 17-33, 2012.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GOLIN, Carlo Henrique. *Educação física escolar na fronteira Brasil-Bolívia: desafios e dilemas interculturais*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2017.
- JAIME, Cleber Santos. *CAIC – a construção de uma escola na fronteira Brasil-Bolívia*. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* Estudos Fronteiriços, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal, Corumbá/MS, 2010.

LIMA, Elaine Gonçalves. A imigração/migração indígena boliviana para a região de fronteira: uma experiência de pesquisa. *Dimensão*, Corumbá, v. 1, n.1, p. 55-58, 2002.

LORO, Alexandre Paulo. A Educação Física escolar na fronteira Brasil/Bolívia: um olhar sobre os jogos populares. In: LORO; Alexandre Paulo, VINHA, Marina; GOLIN, Carlo Henrique (Orgs.). *Educação Física: enfoques contemporâneos*. Dourados/MS: Editora da Federal Grande Dourados, 2013. p. 37-56.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. O processo de assimilação dos terena: as múltiplas configurações da fricção interétnica. *Revista TRIAS – Revista eletrônica online de Filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais*, v. 4, p. 1-11, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

VIEIRA, Ricardo. *História de vida e identidades*. Porto: Afrontamentos, 1999.

_____. Identidades, histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores. In.: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO – “MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES”, 3., 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: 2007.